

História dos dogmas, história da teologia, história do pensamento cristão

Considerações sobre alguns conceitos da historiografia eclesiástica

Joachim Fischer¹

Resumo: O artigo parte da premissa de que cristãos e cristãs, em todos os tempos, queriam entender sua fé também intelectualmente (Anselmo de Cantuária, Karl Barth) para poder explicá-la a qualquer pessoa. A busca do entendimento da fé constitui um aspecto essencial da vida do povo de Deus através dos tempos. O artigo analisa diferentes concepções de abordagem dessa história: como história dos dogmas, história da teologia, história da doutrina cristã, história do pensamento cristão. Aprofunda-se em especial nos aspectos latino-americanos de abordagem (Eduardo Hoornaert, Otto Maduro, Enrique Dussel). Destaca, entre as conceituações, o conceito “história do pensamento cristão” (Justo L. Gonzalez, Paul Tillich). Como a abrangência do conceito é imensa, torna-se necessário identificar a questão teológica fundamental de cada época e concentrar-se em sua abordagem.

Abstract: The article begins based on the premise that Christians, in all times, have wanted to understand their faith intellectually as well (Anselmo de Cantuária, Karl Barth) so as to be able to explain it to other people. The quest for understanding the faith constitutes an essential aspect of the life of the people of God throughout time. The article analyzes different conceptions in approaching this history: such as the history of the dogmas, the history of theology, the history of the Christian doctrine, the history of Christian thought. It especially delves more deeply into the Latin American aspects of this approach (Eduardo Hoornaert, Otto Maduro, Enrique Dussel). Among the conceptualizations, it highlights the concept “history of Christian thought” (Justo L. Gonzalez, Paul

¹ O autor é pastor e professor aposentado da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB). Natural da Saxônia (Alemanha), formou-se, após o ensino médio, em radiotécnico em 1950, na República Democrática Alemã. De 1951 a 1956, estudou Teologia Evangélica nas universidades de Erlangen, Tübingen e Göttingen, na República Federal da Alemanha. Doutorou-se em História da Igreja na Universidade de Göttingen com a tese “A Igreja Territorial da Saxônia na controvérsia eclesiástica 1933-1937). Em 1960, foi ordenado pastor. Em julho de 1960, foi convocado para o Brasil para lecionar História da Igreja na Faculdade de Teologia, hoje Faculdades EST, da IECLB, em São Leopoldo/RS.

Tillich). As the range of the concept is immense, it is necessary to identify the fundamental theological issue of each time period and concentrate on its approach.

Resumen: El artículo parte de la premisa de que cristianos y cristianas, en todos los tiempos, querían entender su fe también intelectualmente (Anselmo de Cantuária, Karl Barth) para poder explicarla a cualquier persona. La búsqueda del entendimiento de la fe constituye un aspecto esencial de la vida del pueblo de Dios a través de los tiempos. El artículo analiza diferentes concepciones del abordaje de esa historia: como historia de los dogmas, historia de la teología, historia de la doctrina cristiana, historia del pensamiento cristiano. Se profundiza, de manera especial, en los aspectos del abordaje latinoamericano (Eduardo Hoornaert, Otto Maduro, Enrique Dussel). Destaca, entre las conceptualizaciones, el concepto de “historia del pensamiento cristiano” (Justo L. González, Paul Tillich). Como la amplitud del concepto es inmensa, se hace necesario identificar la cuestión teológica fundamental de cada época y concentrarse en su abordaje.

Palavras-chave: História, dogma, teologia, pensamento cristão, fé, compreensão, América Latina

Keywords: History, dogma, theology, christian thought, faith, comprehension, Latin America

Palabra clave: Historia, dogma, teología, pensamiento cristiano, fe, comprensión, América Latina

1 - Fé e compreensão

Perguntado por um professor da lei (escriba) qual era o mais importante de todos os mandamentos divinos, Jesus citou, na primeira parte de sua resposta, o início do famoso Sch'ma, a confissão da comunidade judaica. As primeiras palavras do Sch'ma rezam:

“Escute, povo de Israel! O Eterno, e somente o Eterno, é o nosso Deus. Portanto, amem o Eterno, o nosso Deus, com todo o **coração**, com toda a **alma** e com todas as **forças**”².

Na boca de Jesus, essas palavras, segundo Marcos, recebem um acréscimo significativo:

“Ame o Senhor seu Deus com todo o **coração**, com toda a **alma**, com toda a **mente**, e com todas as **forças**”³.

O relacionamento com Deus inclui também a esfera da mente (*dianoia*), da razão, do pensar. O mesmo podemos constatar em Lucas, onde o mandamento é citado pelo próprio professor da lei; a “Bíblia na Linguagem de Hoje” traduz a respectiva palavra grega, a mesma usada por Marcos, por “*inteligência*”:

“Ame o Senhor seu Deus com todo o **coração**, com toda a **alma**, com todas as **forças** e com toda a **inteligência**”⁴.

Em ambos os lugares, a tradução de Almeida tem “entendimento”.

Segundo Atos, Filipe, um dos auxiliares administrativos dos apóstolos, viu o administrador de finanças da rainha Candace ler o livro do profeta Isaías, na viagem de volta de Jerusalém para a Etiópia. Perguntou-o: “O senhor **entende** o que está lendo?”⁵ Depois, convidado a sentar na carruagem, Filipe **explicou** ao funcionário “aquela parte das Escrituras” para que entendesse seu sentido, anunciou-lhe “a Boa Notícia a respeito de Jesus” e o batizou⁶. Quando alguém se torna cristão, um dos elementos essenciais desse processo é o **entendimento** das Sagradas Escrituras e de sua mensagem.

Na Idade Média, Anselmo de Cantuária (1033-1109)⁷ desenvolveu o programa de uma teologia rigorosamente científica – científica segundo os

2 Dt 6.4-5.

3 Mc 12.30.

4 Lc 10.27.

5 At 8.30.

6 At 8.31,35,38.

7 V. EVANS, G. R. Anselm von Canterbury [Anselmo de Cantuária]. In: BETZ, H. D. et al. (Ed.). **Religion in Geschichte und Gegenwart**: Handwörterbuch für Theologie und Religionswissenschaft [Religião no passado e no presente: Manual de Teologia e de Ciência da Religião]. 4. ed. Tübingen: Mohr Siebeck, 1998. v. 1, c. 515-516.

padrões de seu tempo. O programa pode ser caracterizado pela expressão latina “*fides quaerens intellectum*”, a fé que quer (deseja) compreender sua própria “*ratio*” (razão), a fé que quer captar essa “razão” com a inteligência. Esse querer é espontâneo, inerente à fé. Querer tal compreensão faz parte da natureza da fé. Não há, pois, antagonismo entre crer e compreender/pensar. Ao contrário, quem crê quer pensar para entender o que crê, segundo o programa de Anselmo⁸.

A fé que quer compreender sua própria razão interna está localizada no tempo e no espaço, ou seja, em determinado contexto. A fé e o que lhe é inerente não podem ser separados do contexto em que estão inseridos. A fé quer compreender sua própria razão interna para que os crentes “estejam sempre prontos para responder a qualquer pessoa que pedir que **expliquem**” sua fé⁹, quer que tais pessoas sejam cristãs ou não-cristãs, quer que tenham ou não formação erudita. Ao querer compreender sua própria razão interna, a fé responde às pessoas que lhe dirigem suas perguntas; responde aos desafios que lhe vêm de dentro ou de fora da comunidade cristã.

Tal querer da fé existe desde o início do cristianismo. É uma atividade da nossa capacidade de pensar, embora a verdadeira compreensão seja mais do que o resultado de um esforço meramente racional. Em todos os tempos, cristãos e cristãs refletiram sobre sua fé e a razão interna da mesma. Essa atividade constitui um dos aspectos da vida do povo de Deus no mundo através dos tempos. Nesse sentido há uma **história** dessa atividade.

2 - Conceituação

Há diferentes propostas e ênfases de abordagem dessa história. As diferenças evidenciam-se na escolha dos conceitos. Encontramos as expressões “história dos dogmas”¹⁰, “história da doutrina cristã”¹¹, “história da teologia”¹² e “história do pensamento cristão”¹³. Poderíamos acrescentar ainda a expressão “história das idéias da religiosidade popular cristã”. A seqüência constitui, ao mesmo tempo, uma escala de dificuldade crescente quanto à definição do objeto da respectiva abordagem. É fácil dizer o que

8 BARTH, K. **Fides quaerens intellectum**: Anselms Beweis der Existenz Gottes im Zusammenhang seines theologischen Programms [A fé querendo compreender: a prova da existência de Deus de Anselmo no contexto de seu programa teológico]. 2. ed. Zollikon: Evangelischer Verlag, 1968.

9 1Pe 3.15.

10 Em alemão: Dogmengeschichte.

11 Em inglês: History of christian doctrine.

12 Em alemão: Theologiegeschichte.

13 Em inglês: History of christian thought.

são dogmas. Mas é difícil captar o pensamento cristão – qual? de quem? – ou as idéias da religiosidade popular cristã. Existe o pensamento cristão? Não deveríamos falar, antes, de inúmeros pensamentos cristãos ou pensares cristãos?

2.1 - História dos Dogmas

Dogmas são definições teológicas formais de enunciados fundamentais da verdade cristã, proclamadas por concílios universais ou, na Igreja Católica Romana, desde meados do século XIX, também por papas. Trata-se de enunciados fundamentais normativos que comprometem a todos/as, dentro da própria igreja. São verdades doutrinárias definidas pela igreja como expressões legítimas e necessárias da fé. Nesse sentido, o conceito de “dogma” tem seu lugar apropriado nas igrejas que representam o cristianismo dogmático, ou seja, as Igrejas Ortodoxas e a Católica Romana.

No século XIX, a corrente de pensamento chamada de historicismo (ou historismo)¹⁴ afirmava o caráter histórico de tudo que existe no mundo humano. Mostrava o condicionamento histórico dos fenômenos humanos, inclusive de verdades e doutrinas da fé cristã tidas como indiscutíveis, como os dogmas. Nesse contexto surgiram as obras clássicas sobre a história dos dogmas. A mais famosa é a de Adolf von Harnack (1851-1930)¹⁵, publicada pela primeira vez entre 1885 e 1889¹⁶.

Harnack definiu os dogmas como doutrinas de fé cristãs formuladas mediante conceitos e elaboradas para o uso científico-apologético. São as doutrinas que constituem “o conteúdo objetivo da religião”. Abrangem o conhecimento e reconhecimento da redenção efetuada por Jesus Cristo, de Deus e do mundo. São consideradas como contidas nas Sagradas Escrituras.

14 FIGAL, G. Historismus, I. Philosophisch [Historicismo, I. Na Filosofia]. In: BETZ, H. D. et al. (Ed.). **Religion in Geschichte und Gegenwart**: Handwörterbuch für Theologie und Religionswissenschaft [Religião no passado e no presente: Manual de Teologia e de Ciência da Religião]. 4. ed. Tübingen: Mohr Siebeck, 2000. v. 3, c. 1794-1795. – GRAF, F. W. Historismus, II. Kirchengeschichtlich; III. Systematisch-theologisch [Historicismo, II. Na História da Igreja; III. Na Teologia Sistemática]. In: BETZ, H. D. et al. (Ed.). **Religion in Geschichte und Gegenwart**: Handwörterbuch für Theologie und Religionswissenschaft [Religião no passado e no presente: Manual de Teologia e de Ciência da Religião]. 4. ed. Tübingen: Mohr Siebeck, 2000. v. 3, c. 1795-1796.

15 HAUSCHILD, W.-D. Harnack, 2. Adolf. In: BETZ, H. D. et al. (Ed.). **Religion in Geschichte und Gegenwart**: Handwörterbuch für Theologie und Religionswissenschaft [Religião no passado e no presente: Manual de Teologia e de Ciência da Religião]. 4. ed. Tübingen: Mohr Siebeck, 2000. v. 3, c. 1457-1459.

16 HARNACK, A. v. **Lehrbuch der Dogmengeschichte** [Compêndio da História dos Dogmas]. 4. ed. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1964. 3 v. – A tradução literal de “Lehrbuch” é “livro de ensino”.

São oficialmente aceitas pela igreja. Constituem o “depósito da fé” (em latim: *depositum fidei*). Seu reconhecimento é a condição da participação na salvação e bem-aventurança¹⁷. O próprio Harnack visava à superação do cristianismo dogmático. Defendeu um cristianismo não-dogmático que ele identificava com a religião simples de Jesus. Tentava mostrar que a concepção do dogma e sua elaboração aconteceram no solo do evangelho, mas como obra do espírito grego. Para a fé, afirmava Harnack, dogmas não são necessários.

2.2 - História da teologia

A teologia é mais ampla do que os dogmas. Esses pressupõem o trabalho teológico. São, historicamente, resultados desse trabalho, frutos da teologia, embora o próprio cristianismo dogmático os considere como verdades reveladas e, por conseguinte, base e limite da teologia. Nem tudo que é teologia tornou-se dogma. Mas o surgimento e o desenvolvimento dos dogmas não podem ser entendidos nem apresentados sem que se conheça a teologia ou as teologias que levaram à sua elaboração. Por isso, disse Harnack, o horizonte da história dos dogmas deve ser o mais amplo possível¹⁸. De fato, sua “história dos dogmas” é uma monumental história da teologia das épocas caracterizadas pelo cristianismo dogmático.

Em outros momentos e lugares históricos e outros contextos, outros autores não se concentraram mais, como Harnack, no esforço de mostrar o caráter histórico dos dogmas. Conseqüentemente, publicaram suas obras sob o título “História da Teologia”. Assim o fez, por exemplo, Bengt Hägglund¹⁹. Para ele, “a expressão ‘história do dogma’” é um “título pouco satisfatório”. Ele constata que as “histórias dos dogmas” clássicas são, na verdade, histórias da “teologia cristã em geral”²⁰. Hägglund não tem, como Harnack, a intenção de criticar os dogmas e de superar o cristianismo dogmático. Quer abster-se conscientemente de quaisquer julgamentos²¹, embora no seu texto, depois, apareçam também algumas avaliações. Afirma, por exemplo, que o “sistema de doutrina” do teólogo alemão Friedrich Daniel Ernst Schleiermacher (1768-1834) “era essencialmente alheio à doutrina

17 HARNACK, 1964, v. 1, p. 3.

18 HARNACK, 1964, v. 1, p. 13.

19 HÄGGLUND, B. **História da Teologia**. Tradução de Mário L. Rehfeldt e Gládis Knak Rehfeldt. Porto Alegre: Concórdia, 1981.

20 HÄGGLUND, 1981, p. 9.

21 HÄGGLUND, 1981, p. 10.

evangélica da fé”, com “reinterpretação e deturpação de elementos essenciais da fé cristã”²².

Hägglund tampouco escapa da necessidade de delimitar a área de abrangência de sua obra. Seu critério de delimitação é a assim chamada “regra de fé”, o resumo dos aspectos principais da verdade cristã. Entende a teologia como “explicação da regra de fé original”²³. Em sua “história da teologia”, quer analisar “como a regra de fé cristã tem sido interpretada na história e no contexto de diferentes grupos”²⁴.

2.3 - História da doutrina cristã

O conceito de “história da doutrina cristã” parece-me ocupar um lugar intermediário entre os conceitos de “história dos dogmas” e “história da teologia”. Conforme o dicionário, “doutrina” significa, entre outros, o “conjunto de princípios que servem de base a um sistema religioso”²⁵. Em parte, tais princípios tornaram-se dogmas, em parte, não. Nessa concepção, a “doutrina cristã” é mais ampla do que o campo dos dogmas, mas não tão ampla como o campo da teologia. Entre os/as que pretendem apresentar a história da teologia, há a tendência de se concentrar nos aspectos principais da fé. Nesse particular, os conceitos de “história da doutrina cristã” e “história da teologia” não ficam muito distantes um do outro. Talvez o conceito de “história da doutrina cristã” destaque mais o aspecto do ensino, da transmissão das verdades da fé. Certamente sugere a idéia de tratar-se daquilo que vale oficialmente na igreja, ou seja, de seus princípios básicos.

2.4 - História do pensamento cristão

Alguns autores usam os termos “teologia” e “pensamento cristão” praticamente como sinônimos. Quando foi proposta a Paul Tillich (1886-1965) a publicação das aulas que ministrara na primavera de 1962 na Escola de Teologia da Universidade de Chicago, ele insistiu no título “Perspectivas da **teologia** protestante nos séculos dezanove e vinte”²⁶. Mas na introdução ele logo deixa claro que se trata da “história do **pensamento**”²⁷. E as aulas

22 HÄGGLUND, 1981, p. 312.

23 HÄGGLUND, 1981, p. 10.

24 HÄGGLUND, 1981, loc. cit.

25 FERREIRA, A. B. de H. **Novo dicionário da língua portuguesa**. 3. impr. da 1. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, [s.d.]. p. 494.

26 BRAATEN, C. E. Prefácio. In: TILLICH, P. **Perspectivas da teologia protestante nos séculos dezanove e vinte**. Tradução de Jaci C. Maraschin. São Paulo: ASTE, 1986. p. 9.

27 TILLICH, 1986, p. 29.

que proferiu em 1953, no Seminário Teológico Unido de Nova Iorque²⁸, foram publicadas sob o título “História do **pensamento** cristão”²⁹.

A rigor, o pensamento cristão é mais abrangente do que a teologia cristã. Etimologicamente, “teo-logia” é a fala a respeito de Deus. A palavra designa **qualquer** fala dessa natureza, não apenas aquela que surge de uma reflexão metódica e sistemática sobre as verdades fundamentais da fé em determinado contexto. Tal reflexão seria teologia no sentido restrito e específico da palavra, teologia erudita, às vezes chamada, hoje em dia, de teologia científica ou acadêmica. O pensamento cristão, no entanto, não se refere apenas a Deus. Inclui um sem-número de assuntos e temas. Pensamento cristão é tudo o que foi pensado por cristãos e cristãs nos mais diversos momentos e lugares. Entendido dessa maneira, o campo do conceito torna-se ilimitado e seu conteúdo, vago; talvez nem sequer possa ser captado. Como posso saber o que bilhões de cristãos e cristãs pensaram ao longo da história do cristianismo? Parece que são sobretudo historiadores eclesiásticos norte-americanos que preferem a expressão “história do pensamento cristão”. Quem fizer isso, precisa escolher um tema ou temas de referência para delimitar razoavelmente seu campo de trabalho. Aborda, então, o pensamento cristão a respeito dos temas escolhidos.

O historiador eclesiástico norte-americano Roland Herbert Bainton (1894-1984) define a história do pensamento cristão como

“o testemunho do esforço humano para compreender e esclarecer as implicações da auto-revelação de Deus no homem Jesus Cristo”³⁰.

Justo L. Gonzalez³¹ aponta para o fato de que é inevitável fazer-se uma seleção do material histórico existente. Os critérios da seleção dependem da opção teológica do historiador, opção esta que até certo ponto é subjetiva. Nela transparecem as pressuposições teológicas do próprio historiador³². Elas, por sua vez, levam-no a determinada avaliação, a determinado juízo sobre a história do pensamento cristão³³.

28 BRAATEN, C. E. Prefácio da edição americana. In: TILLICH, Paul. **História do pensamento cristão**. Tradução de Jaci C. Maraschin. São Paulo: ASTE, 1988. p. 9.

29 Em inglês: A history of christian thought.

30 BAINTON, R. H. Prólogo. In: GONZALEZ, J. L. **Historia del pensamiento cristiano**. Buenos Aires: Methopress, 1965. v. 1, p. 13. (Biblioteca de Estudios Teologicos).

31 GONZALEZ, J. L. **Historia del pensamiento cristiano**. Buenos Aires: Methopress, 1965 [v. 1]; La Aurora, 1972 [v. 2]. (Biblioteca de Estudios Teologicos).

32 GONZALEZ, 1965, v. 1, p. 17.

33 GONZALEZ, 1965, v. 1, p. 19.

Gonzalez defende uma posição teológica que admite o aspecto histórico dos dogmas, e uma posição histórica que admite o valor teológico dos mesmos. Os dogmas não são verdades dadas uma vez por todas, imutáveis, não submetidas ao processo histórico. Tampouco são afirmações históricas, relativas, sem valor teológico. Gonzalez parte de um conceito teológico de verdade que se encontra na doutrina da encarnação, que é uma das doutrinas cristãs fundamentais. A verdade “acontece”

“onde o eterno se une ao histórico, onde Deus se faz carne, onde um homem concreto pode dizer, numa situação concreta: ‘Eu sou a verdade’”³⁴.

Para Gonzalez,

“os dogmas são palavras humanas com as quais a Igreja pretende testemunhar a palavra de Deus”³⁵.

São “instrumentos” da palavra de Deus³⁶. Sua verdade consiste no fato de que neles a verdade, a palavra de Deus, confronta a igreja com a exigência de obediência absoluta³⁷. A Sagrada Escritura é o critério para avaliá-los.

Qual é a relação dos dogmas com o pensamento cristão? Gonzalez afirma que os dogmas “fazem parte” do pensamento cristão. Surgem do mesmo e lhe servem, mais tarde, como ponto de partida³⁸. Gonzalez acrescenta ainda que jamais houve consenso entre os cristãos sobre “como e quando uma doutrina qualquer vem a ser dogma”³⁹. Por isso optou pelo título “História do Pensamento Cristão”, em vez de “História dos Dogmas”.

3 - Aspectos latino-americanos

Eduardo **Hoornaert** (nasc. em 1930) deu à sua história da igreja cristã nos três primeiros séculos o título significativo “A memória do povo cristão”. Seu ponto de partida, de referência e de chegada é o povo cristão com sua memória histórica. A história da igreja é, sem dúvida, uma ciência. Mas não é, para Hoornaert, uma ciência de eruditos para eruditos, e, sim, uma ciência **a serviço** da memória histórica do **povo** cristão. Nessa conceitualização, a história da igreja inclui a história da teologia ou do pensamento cristão. Hoornaert afirma que

34 GONZALEZ, 1965, v. 1, p. 21.

35 GONZALEZ, 1965, v. 1, p. 23.

36 GONZALEZ, 1965, loc. cit.

37 GONZALEZ, 1965, v. 1, p. 22.

38 GONZALEZ, 1965, v. 1, p. 23.

39 GONZALEZ, 1965, v. 1, p. 24.

“o judaísmo e o cristianismo são por excelência religiões da memória, fundamentadas na recordação de fatos históricos”⁴⁰.

As duas religiões têm essencialmente “caráter memorial”⁴¹. Ao contrário do “pensamento grego que era essencialmente anti-histórico”, judaísmo e cristianismo concebem a história como um processo que tem uma finalidade; está “dirigida para um fim” e é por isso “irreversível”⁴². Os cristãos e as cristãs crêem na segunda vinda de Cristo. Essa esperança está ligada à memória: “a memória carrega a esperança, sem memória cristã desvanece a esperança”⁴³. Daí, a lembrança torna-se uma “tarefa religiosa fundamental”⁴⁴.

Nos três primeiros séculos, essa tarefa foi cumprida em circunstâncias bem específicas, a saber, num ambiente de hostilidade, opressão, perseguição e, muitas vezes, matança de cristãos e cristãs. Desde aqueles tempos, a memória cristã possui um “caráter peculiar”:

“Ela foi e continua sendo freqüentemente uma memória de vencidos e humilhados, marginalizados e desprezados.”⁴⁵

Ela é, “antes de mais nada”, memória coletiva de “comunidades de base”⁴⁶.

Para descrever o trabalho do historiador, também do historiador eclesiástico, Hoornaert cita uma palavra do historiador francês Jacques Le Goff (nasc. em 1924), da corrente historiográfica representada pela revista “Annales” (Anais) e chamada, muitas vezes, de “nova história”⁴⁷: “A tarefa do historiador é a de transformar a memória do povo em ciência”⁴⁸. O historiador eclesiástico, portanto, precisa “captar a memória” do povo e transformá-la “em discurso coerente, baseado em documentos objetivos, num discurso inteligível”⁴⁹. Não pode apresentar apenas “os aspectos entusiasmantes” da história,

40 HOORNAERT, E. **A memória do povo cristão: uma história da Igreja nos três primeiros séculos.**

Petrópolis: Vozes, 1986. p. 17.

41 HOORNAERT, 1986, p. 18.

42 HOORNAERT, 1986, p. 17.

43 HOORNAERT, 1986, p. 18.

44 HOORNAERT, 1986, loc. cit.

45 HOORNAERT, 1986, p. 21.

46 HOORNAERT, 1986, p. 22.

47 Em francês: Nouvelle histoire.

48 HOORNAERT, 1986, p. 23.

49 HOORNAERT, 1986, loc. cit.

“mas também as lutas, os pecados, as falsas alianças que o cristianismo histórico [inclusive sua teologia] cometeu por interesses nem sempre evangélicos”⁵⁰.

Num Simpósio sobre História da Teologia na América Latina, realizado em Lima (Peru), em 1980, Otto **Maduro** apresentou importantes reflexões epistemológicas referentes a uma história especificamente da **teologia** na América Latina⁵¹. Creio que suas reflexões possuem maior abrangência; podem iluminar o empreendimento de uma história do pensamento cristão (ou: da teologia cristã) em geral.

Para Maduro, escrever história da igreja é, como escrever história em geral,

“**uma tarefa situada** objetivamente (independente, pois, da vontade do historiador), tanto dentro como fora da Igreja. (...) é uma tarefa situada histórica, social, política e intelectualmente tanto na sociedade global, quanto no seio da instituição eclesiástica”⁵².

A tarefa é desenvolvida

“a partir de um **momento histórico**” com sua “perspectiva histórico-concreta sobre a realidade”, “a partir de uma **posição social** específica em conflito com outras”, “a partir de um **projeto histórico** em conflito com outros” e “a partir de uma **corrente de pensamento** oposta a outras”⁵³.

A característica fundamental dessa concepção é a “percepção” do “caráter radicalmente conflitivo da situação sócio-eclesial [!] latino-americana contemporânea”⁵⁴.

Maduro e a Comissão de Estudos de História da Igreja na América Latina (CEHILA) optaram, em suas publicações, pelo conceito de “história da **teologia**”. Mas Maduro parece ter consciência da distinção entre teologia e pensamento cristão ao falar de “teologia e (...) pensamento cristão” como “objetos de estudo histórico”⁵⁵. No entanto, não reflete sobre essa distinção nem está interessado em deter-se nesse ponto. Está interessado, neste lugar, em esclarecer o conceito de teologia como “objeto da história”: “a teologia é o produto de um trabalho **socialmente situado**”⁵⁶. O trabalho teológico –

50 HOORNAERT, 1986, loc. cit.

51 MADURO, O. Apontamentos epistemológicos para uma história da teologia na América Latina. In: DUSSEL, E. et al. **História da teologia na América Latina**. São Paulo: Paulinas, 1981. p. 9-20. (Teologia em diálogo: estudos).

52 MADURO, 1981, p. 12.

53 MADURO, 1981, p. 10-11.

54 MADURO, 1981, p. 14.

55 MADURO, 1981, loc. cit.

56 MADURO, 1981, loc. cit.

segundo Maduro: “ler, escutar, refletir, discutir, escrever e expor” – e o produto desse trabalho, “a teologia propriamente dita”,

“estão ambos – em cada caso específico de estudo – situados em um contexto sócio-histórico peculiar”⁵⁷.

Isso significa

“que o contexto social específico (...) forma **parte integrante, constitutiva, substancial** da própria teologia”⁵⁸.

Em outras palavras:

“não se pode entender um **texto** teológico fora do contexto social de sua produção e difusão”⁵⁹.

Ao contrário,

“para entender um texto teológico em sua dimensão exata, faz-se necessário conhecer o contexto social de sua produção e divulgação”⁶⁰.

Ressituar “a produção teológica no seio” de seu contexto social é um desafio gigantesco. Mas vale como advertência que quer impedir que isolemos as **idéias** e os **pensamentos** teológicos da realidade material, social, cultural e eclesial na qual surgiram e à qual originalmente pertencem.

Maduro menciona apenas o contexto **social** da teologia. Como ele fala da história da teologia **na América Latina**, seu enfoque se justifica em vista da conjuntura específica do continente na época. No que diz respeito ao todo da história do pensamento cristão de 2000 anos, creio que não se pode sustentar a concentração exclusiva nos elementos sociais do contexto. Devem ser tomados em consideração também os elementos materiais, culturais e eclesiais. Isso pode ser ilustrado pelo seguinte exemplo. Na análise da Reforma religiosa do século XVI até historiadores marxistas admitiram, expressamente, que as características predominantes do contexto da época eram questões de fé, ou seja, elementos culturais, no sentido amplo da palavra, e não questões sociais. Naturalmente não se pode ignorar o contexto social de nenhuma teologia. Mas, às vezes, o conhecimento do contexto cultural de uma teologia ajuda mais a entendê-la do que o conhecimento do contexto social.

O que Maduro constata na análise “do contexto sócio-eclesial [!] latino-americano e do contexto de produção da teologia na América Latina”

57 MADURO, 1981, p. 15.

58 MADURO, 1981, loc. cit.

59 MADURO, 1981, loc. cit.

60 MADURO, 1981, loc. cit.

vale, a meu ver, para praticamente todos os contextos da teologia ao longo da história: são complexos; conseqüentemente, as condições sob as quais surge teologia são complexas. Essas condições estabelecem “limites e tendências” para a produção de teologia⁶¹. Para se compreender o surgimento, “a elaboração, o sentido e as repercussões de certa produção teológica” é necessário que se conheçam tanto seu “contexto **eclesial** específico” como seu “contexto macro-**social** [!] específico”⁶².

Na América Latina, segundo Maduro, “a produção teológica se realiza no meio de uma situação de dominação e de conflito”⁶³. O conflito atinge “também os esquemas de interpretação da realidade”, inclusive da revelação de Deus⁶⁴. Essa característica aparece também em outros lugares e momentos? Para Enrique Domingo **Dussel** (nasc. 1934), a igreja na América Latina colonial, “a nova cristandade das Índias”, foi “a única cristandade (...) colonial ou dependente”⁶⁵. Sua característica específica eram a dependência, a dominação, o conflito. As outras duas cristandades, a bizantina e a latina⁶⁶, não eram dependentes. Será que Dussel e Maduro as considerariam como não-conflitivas? Creio que não. Sua análise está visivelmente influenciada, se não inspirada, pelo marxismo. O marxismo vê **toda** a história como conflitiva. O famoso Manifesto do Partido Comunista, de 1848, afirma: “A história [transmitida por escrito] de toda a sociedade até hoje é a história de lutas de classes”⁶⁷. Conseqüentemente, todos os contextos históricos eram conflitivos. Teologia, pois, sempre seria produzida em situações de conflito. De fato, Maduro constata – aparentemente não apenas em relação à América Latina:

“É necessário (...) considerar as conseqüências da complexidade e dos **conflitos** de **cada** sociedade – em **cada** caso histórico específico – sobre a produção, difusão, interpretação e conseqüências da teologia”⁶⁸.

61 MADURO, 1981, p. 16.

62 MADURO, 1981, loc. cit.

63 MADURO, 1981, loc. cit.

64 MADURO, 1981, loc. cit.

65 DUSSEL, E. D. A cristandade colonial latino-americana. In: _____. **Caminhos de libertação latino-americana: interpretação histórico-teológica**. Trad. de José Carlos Barcellos, rev. de Carlos Vido. São Paulo: Paulinas, 1985a. t. 1, p. 57. (Estudos e debates latino-americanos; 6).

66 DUSSEL, E. D. Grandes etapas da história da Igreja. In: _____. **Caminhos de libertação latino-americana: interpretação histórico-teológica**. Trad. de José Carlos Barcellos, rev. de Carlos Vido, São Paulo: Paulinas, 1985a. t. 1, p. 53.

67 MARX, K.; ENGELS, F. Manifesto do Partido Comunista. In: _____. **Manifesto do Partido Comunista**. CARONE, E. **A trajetória do Manifesto Comunista no Brasil**. São Paulo: Novos Rumos, 1986. p. 81. – Outra tradução: “A história [escrita] de todas as sociedades existentes até hoje é a história das lutas de classes.” (MARX, K.; ENGELS, F. **Cartas filosóficas e o Manifesto Comunista de 1848**. São Paulo: Moraes, 1987. p. 102).

68 MADURO, 1981, p. 18.

De visível inspiração marxista é também, em Maduro, a distinção de “três relações significativas da produção do **texto** teológico com seu **contexto social**”⁶⁹.

Primeiro: O texto teológico está estruturalmente determinado pelo contexto, ou seja,

“a elaboração, a difusão, a interpretação e as conseqüências de um texto teológico são parcialmente independentes da vontade de seu autor: dependem da estrutura objetiva das relações sociais preexistentes fora da Igreja”.⁷⁰

Segundo: Por outro lado,

“a produção de um texto teológico é parcialmente independente do [seu] contexto macro-social [!] (...): depende, significativamente, também, das condições específicas da teologia nessa conjuntura particular, assim como das condições internas da Igreja nessa mesma conjuntura”.⁷¹

Esse aspecto diz respeito, sobretudo, à Igreja Católica Romana. Alguns fatores mencionados por Maduro, neste lugar, têm no protestantismo, em princípio, um peso muito menor na produção teológica, como, p. ex., as “relações institucionais internas da própria Igreja”, ou até são inexistentes, como, por exemplo, o magistério eclesiástico.

Terceiro: Há, finalmente, “uma **eficácia específica** do texto sobre o contexto”⁷². Isso significa

“que as transformações do contexto social **dependem em parte da produção teológica** realizada em seu seio”⁷³.

A produção teológica fornece “uma imagem da realidade”, uma “visão teológica do mundo” que as pessoas e os grupos sociais precisam para se orientar e para atuar na sociedade. “O texto é parcialmente dependente” e “parcialmente independente do contexto”, e o contexto é parcialmente dependente do texto. Assim pode-se resumir a “hipótese interpretativa” de Maduro “para uma história da teologia na América Latina”⁷⁴. A partir disso ele levanta diversas perguntas⁷⁵. Creio que a reflexão sobre as mesmas pode ajudar-nos também no estudo da história do pensamento cristão em geral.

69 MADURO, 1981, p. 17.

70 MADURO, 1981, loc. cit.

71 MADURO, 1981, loc. cit.

72 MADURO, 1981, p. 18.

73 MADURO, 1981, loc. cit.

74 MADURO, 1981, p. 17.

75 Cf. MADURO, 1981, p. 18-19.

Maduro afirma que coexistem “várias correntes de pensamento teológico dentro e fora da Igreja Católica”⁷⁶. Para um protestante, essa afirmação não traz nenhuma novidade. O protestantismo é, por assim dizer, o cristianismo da modernidade. Uma das principais características da modernidade é justamente a coexistência de várias teologias. Mas para padrões católico-romanos tradicionais, a afirmação de Maduro é significativa. Admite o pluralismo teológico dentro da Igreja Católica Romana e a existência de verdadeira teologia fora da mesma: “a teologia não é uma só”⁷⁷. Teologia, para Maduro, é necessária “porque há **teologias** no plural”, isto é, “conflitos de interpretação” da Sagrada Escritura (ou: da revelação de Deus). Ele afirma:

“Deus quis [!] que a liberdade, o risco e o conflito sejam o ponto de partida para a reflexão teológica”.⁷⁸

Parece ter assimilado importantes elementos da teologia da Reforma religiosa do século XVI ao dizer:

“A teologia é (...) luta pela reflexão – à luz do dado revelado – acerca do papel que nos toca cumprir como crentes em Cristo, no seio de um mundo obscuro, complicado e injusto. Luta, também, para pôr a reflexão (...) a serviço da construção de um mundo humano, fraterno e solidário”.⁷⁹

Podemos citar, aqui, a seguinte palavra de Lutero:

“E o ser cristão não é uma situação de ócio nem de paz nem de segurança, mas importa estar permanentemente em campanha e guerrear e arriscar a vida. Pois aqui não estamos sentados em tranqüilidade, como um camponês, um cidadão ou um artesão numa cidade, onde vive em paz e não precisa ter medo, e, sim, estamos acampados num lugar perigoso em meio a inimigos e assassinos que nos miram seriamente e nos querem tirar nosso tesouro, se não nos cuidarmos, e nós não estamos seguros diante deles nem por um único momento. Por isso, quem quiser ser um cristão deve ter em mente colocar-se debaixo da bandeira de seu Senhor e, visto que vive aqui, estar na vanguarda e cuidar dos inimigos em todos os lados”.⁸⁰

A partir de seu conceito de teologia, Maduro define a história da teologia como “a intenção de recuperar o passado de uma reflexão iluminada pela fé no seio da história”⁸¹.

76 MADURO, 1981, p. 19.

77 MADURO, 1981, p. 20.

78 MADURO, 1981, loc. cit.

79 MADURO, 1981, loc. cit.

80 LUTHER, M. Das Sechste Capitel der Epistel S. Pauli an die Epheser: Von der Christen harnisch und woffen [O sexto capítulo da epístola de S. Paulo aos efésios: Da couraça e {das} armas dos cristãos]. In: _____. **Werke: kritische Gesamtausgabe** [Obras: edição crítica completa]. Weimar: Hermann Böhlhaus Nachfolger, 1908. v. 34/II, p. 372, 19-27.

81 MADURO, 1981, p. 20.

Para estruturar esse passado, Justo L. Gonzalez e Eduard Lohse fornecem indicações úteis. **Gonzalez** subdivide sua grande história ilustrada do cristianismo em 10 “eras”⁸². Cada era tem sua característica específica: a era dos mártires, dos gigantes, dos reformadores, dos conquistadores, etc. **Lohse** deu à sua história da fé cristã⁸³, em alemão, o título “Epochen der Dogmengeschichte” (Épocas da História dos Dogmas). Creio que para uma história do pensamento cristão deve-se identificar, em cada época, sua questão teológica fundamental e concentrar-se nessa questão. As questões seguem uma seqüência cronológica. Mas como se trata de questões fundamentais, elas não se restringem a uma época só, cada vez. Perpassam os séculos. Quais seriam tais questões fundamentais? Impõem-se por sua importância em sua respectiva época, mas são sugeridas também por perguntas e anseios nossos, atuais.

Na história do pensamento cristão ampliamos o círculo das pessoas com quem debatemos nossas perguntas. Teólogos e teólogas do passado tornam-se nossos/as interlocutores/as no debate de questões prementes. Mas convém uma advertência. Essas pessoas não vivem mais. Não podem se defender. Em relação a elas cabe-nos uma atitude de abertura, de humildade, de disposição de ouvi-las com **seus** pensamentos e **suas** propostas, em vez de usá-las apenas como “instrumentos para os nossos próprios fins”, como adverte Karl Barth⁸⁴. Estamos com elas na mesma igreja cristã. Encontramos com elas no mesmo nível. Querer ouvir o/a outro/a é a condição básica de todo estudo da história. E para compreendermos a história, Barth fornece-nos ainda um critério muito interessante:

“Quanto mais difíceis se tornam para nós a [mera] observação, constatação e contemplação, quanto maior a urgência com que a história nos dirige suas perguntas e, conseqüentemente, requer nossa resposta, não nos concedendo tempo para a mera contemplação, tanto mais claro fica que se trata realmente de história”⁸⁵.

82 GONZALEZ, J. L. **E até aos confins da terra: Uma história ilustrada do cristianismo**. Vários tradutores. São Paulo: Vida Nova, 1980 - ? [v. 9 s.d.]. 9 v.

83 LOHSE, B. **A fé cristã através dos tempos**. Trad. de Sílvio Schneider, rev. de Fausto de Borba Borges. 2. ed. São Leopoldo: Sinodal, 1981.

84 BARTH, K. **Die protestantische Theologie im 19. Jahrhundert: ihre Vorgeschichte und ihre Geschichte** [A teologia protestante no século XIX: sua pré-história e sua história] 2. ed. Zollikon-Zürich: Evangelischer Verlag, 1952. p. 8.

85 BARTH, 1952, p. 4.

Referências

BARTH, Karl. **Die protestantische Theologie im 19. Jahrhundert: ihre Vorgeschichte und ihre Geschichte** [A teologia protestante no século XIX: sua pré-história e sua história]. 2. ed. Zollikon-Zürich: Evangelischer Verlag, 1952.

_____. **Fides quaerens intellectum: Anselms Beweis der Existenz Gottes im Zusammenhang seines theologischen Programms** [A fé querendo compreensão: a prova da existência de Deus de Anselmo no contexto de seu programa teológico]. 2. ed. Zollikon: Evangelischer Verlag, 1958.

DUSSEL, Enrique. Hipóteses para uma história da teologia na América Latina (1492-1980). In: _____ et al. **História da teologia na América Latina**. São Paulo: Paulinas, 1981. p. 165-196. (Teologia em diálogo: estudos).

_____. Grandes etapas da história da Igreja. In: _____. **Caminhos de libertação latino-americana: interpretação histórico-teológica**. Trad. de José Carlos Barcellos, rev. de Carlos Vido. São Paulo: Paulinas, 1985a. t. 1, p. 33-54. (Estudos e debates latino-americanos; 6).

_____. A cristandade colonial latino-americana. In: _____. **Caminhos de libertação latino-americana: interpretação histórico-teológica**. Trad. de José Carlos Barcellos, rev. de Carlos Vido. São Paulo: Paulinas, 1985 a. t. 1, p. 57-78. (Estudos e debates latino-americanos; 6).

_____. Pressupostos histórico-filosóficos da teologia a partir da América Latina. In: _____. **Caminhos de libertação latino-americana: reflexões para uma teologia da libertação**. Trad. de Álvaro Cunha. São Paulo: Paulinas, 1985b. t. 4, p. 175-197. (Estudos e debates latino-americanos; 9).

EVANS, Gillian R. Anselm von Canterbury [Anselmo de Cantuária]. In: BETZ, Hans Dieter et al. (Ed.). **Religion in Geschichte und Gegenwart: Handwörterbuch für Theologie und Religionswissenschaft** [Religião no passado e no presente: Manual de Teologia e de Ciência da Religião]. 4. ed. Tübingen: Mohr Siebeck, 1998. v. 1, c. 515-516.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário da língua portuguesa**. 3. impr. da 1. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, s.d.

FIGAL, Günter. Historismus, I. Philosophisch [Historicismo, I. Na filosofia]. In: BETZ, Hans Dieter et al. (Ed.). **Religion in Geschichte und Gegenwart: Handwörterbuch für Theologie und Religionswissenschaft** [Religião no passado e no presente: Manual de Teologia e de Ciência da Religião]. 4. ed. Tübingen: Mohr Siebeck, 2000. v. 3, c. 1794-1795.

GONZALEZ, Justo L. **Historia del pensamiento cristiano**. Buenos Aires: Methopress, 1965 [v. 1]; La Aurora, 1972 [v. 2]. 2 v. (Biblioteca de Estudios Teologicos).

_____. **A History of Christian Thought**. Nashville, New York: Abingdon, 1975. v. 3.

_____. **E até aos confins da terra: Uma história ilustrada do cristianismo**. Vários tradutores. São Paulo: Vida Nova, 1980 - ? [v. 9 s.d.] 9 v.

GRAF, Friedrich Wilhelm. Historismus, II. Kirchengeschichtlich; III. Systematisch-theologisch [Historicismo, II. Na História da Igreja; III. Na Teologia Sistemática]. In: BETZ, Hans Dieter et al. (Ed.) **Religion in Geschichte und Gegenwart: Handwörterbuch für Theologie und Religionswissenschaft** [Religião no passado e no presente: Manual de Teologia e de Ciência da Religião]. 4. ed. Tübingen: Mohr Siebeck, 2000. v. 3, c. 1795-1796.

HÄGGLUND, Bengt. **História da teologia**. Trad. de Mário L. Rehfeldt e Gládis Knak Rehfeldt. Porto Alegre: Concórdia, 1981.

HARNACK, Adolf von. **Lehrbuch der Dogmengeschichte** [Compêndio da História dos Dogmas]. 4. ed. [reimpressão da 4.ed. Tübingen 1909, 1910]. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1964. 3 v.

HAUSCHILD, Wolf-Dieter. Harnack, 2. Adolf. In: BETZ, Hans Dieter et al. (Ed.). **Religion in Geschichte und Gegenwart: Handwörterbuch für Theologie und Religionswissenschaft** [Religião no passado e no presente: Manual de Teologia e de Ciência da Religião]. 4. ed. Tübingen: Mohr Siebeck, 2000. v. 3, c. 1457-1459.

HEICK, Otto W. **A History of Christian Thought**. 2. ed. Philadelphia: Fortress, 1976. v 1.

HOORNAERT, Eduardo. **A memória do povo cristão: uma história da Igreja nos três primeiros séculos**. Petrópolis: Vozes, 1986.

LOHSE, Bernhard. **A fé cristã através dos tempos**. Trad. de Sílvio Schneider, rev. de Fausto de Borba Borges. 2. ed. São Leopoldo: Sinodal, 1981.

LUTHER, Martin. Das Sechste Capitel der Epistel S. Pauli an die Epheser: Von der Christen harnisch und woffen [O sexto capítulo da epístola de S. Paulo aos efésios: Da couraça e {das} armas dos cristãos]. In: _____. **Werke: kritische Gesamtausgabe** [Obras: edição crítica completa]. Weimar: Hermann Böhlau Nachfolger, 1908. v. 34/II, p. 371-406.

MADURO, Otto. Apontamentos epistemológicos para uma história da teologia na América Latina. In: DUSSEL, Enrique et al. **História da teologia na América Latina**. São Paulo: Paulinas, 1981. p. 9-20. (Teologia em diálogo: estudos).

MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. Manifesto do Partido Comunista. In: _____. **Manifesto do Partido Comunista**; CARONE, Edgard. **A trajetória do Manifesto do Partido Comunista no Brasil**. São Paulo: Novos Rumos, 1986. p. 77-123.

_____. **Cartas filosóficas e o Manifesto Comunista de 1848**. São Paulo: Moraes, 1987. p. 101-140.

McGIFFERT, Arthur Cushman. **A History of Christian Thought**. New York, London: Scribner's Sons, 1949, 1950. 2 v.

TILLICH, Paul. **História do pensamento cristão**. Trad. de Jaci C. Maraschin. São Paulo: ASTE, 1988.

_____. **Perspectivas da teologia protestante nos séculos dezenove e vinte**. Trad. de Jaci C. Maraschin. São Paulo: ASTE, 1986.